

Feminismos, fraternidade: "Efes"¹ que se traduzem em força

Marília Martins de Araújo Reis²

Resumo

A amizade é uma forma de relacionamento interpessoal presente nas mais diversas culturas e evidenciada na história da humanidade. Alguns teóricos clássicos da Psicologia, como Freud, Jung, ainda que não a abordem diretamente, apontam quesitos importantes neste âmbito para o desenvolvimento humano, formação identitária e processo de socialização. Ao se tratar de pessoas do gênero feminino, pode transcender sua relevância, ao envolver aspectos fortalecedores da identidade e da luta por direitos e igualdade. Para desenvolver este artigo, realizou-se uma breve pesquisa bibliográfica, com o objetivo de desenvolver um diálogo sobre a importância da amizade entre mulheres para o fortalecimento dos ideais feministas e das subjetividades femininas, frente à cultura estruturalmente machista. A pesquisa apontou, através do exemplo de amizades como da cantora Nina Simone com a teatróloga Lorraine Hansberry, precursoras do feminismo negro e militantes pelos direitos civis dos negros norte-americanos na década de 1960, que os laços fraternos podem ser transformadores, libertadores e fortalecedores da identidade de gênero e de raça, das que dela desfrutam. O movimento feminista, deflagrado na década de 1980, é um exemplo de fraternidade que se traduz em força, ao unir mulheres em torno de pautas que as emancipam e empoderam diante dos desafios e opressões de um mundo desigual.

Palavras-Chave: Feminismos; Fraternidade; Amizade; Empoderamento feminino; Subjetividade.

1. Introdução

A amizade, expressão do amor fraterno, tem sido tema abordado desde os primórdios da História, seja em livros, canções, poesias nos mais diversos estilos de escrita, em diferentes momentos e estações, na interdisciplinaridade, seja sob o aspecto filosófico, cultural, científico, psicológico, sócio-histórico, político, educacional, no âmbito formal ou informal. Diversos autores apontam a amizade e a fraternidade como uma necessidade essencial de encontro do ser humano com seu semelhante, de cumplicidade, com formas diversas de expressão que se renovam em diferentes civilizações. Sendo um tema complexo, em especial, em contextos sociais onde a luta contra as desigualdades de direitos se faz necessária, a amizade entre mulheres constitui um recorte a ser apreciado.

O termo amizade, segundo Taís Aguiar (2019), vem da palavra grega *philia* (φιλία), e pode ser compreendida como a afeição-matriz mais forte e desenvolvida na cultura da Grécia Antiga. Esta autora relata que a noção de *philia* apresentava três traços fundamentais, as quais compreendem que a amizade supõe: a igualdade (o outro eu, o semelhante); a vida em comum (a comunidade); e a consciência comum de existência (a convivência ou a busca da autonomia). A *philia* também caracterizava a relação entre os membros da pólis, na concepção do filósofo Aristóteles, relacionando-se assim com a democracia. O dicionário etimológico (Nascentes,

¹ "Efe" é a sexta letra do alfabeto, letra inicial das palavras centrais do título do artigo.

² Doutora e Mestre em Estado e Sociedade; Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB); Eunápolis, Bahia e Brasil; mariliaamarilis@hotmail.com.

1966) traz o termo em latim, *amicitia*, como originário da palavra amizade, no entanto, teria se originado a partir do termo *amicus*, que significa “amigo”, na tradução para o português. Também é reportado que a raiz da palavra viria a partir do verbo latino *amare* (amor, em português).

Conforme Luciana Karine de Souza e Claudio Hutz (2012), a amizade é cientificamente considerada como relevante fonte de felicidade e de bem-estar, tanto subjetiva como coletivamente, uma vez que proporciona a partilha de conteúdos afetivos, de interesses e experiências, consistindo em um suporte social para quem dela experiencia. Enquanto busca voluntária, a amizade apresenta-se como fator relevante no âmbito psicológico - do desenvolvimento humano, da formação identitária; social - no processo de socialização e fortalecimento de coletividades.

Abrange também o potencial da *philia*, no sentido aristotélico, que une pessoas na esfera democrática, ampliando possibilidades de engajamento político, fortalecimento de grupos, movimentos e ideais que apontam para um sentido para além da amizade cotidiana: um sentido libertador e empoderador. É deste lugar de fala que o presente artigo propõe reflexões sobre o potencial da dinâmica das relações fraternas entre mulheres, ilustrando-o através da amizade entre cantora negra Nina Simone e a teatróloga Lorraine Hansberry, ícones femininos nos movimentos sociais da luta pelos direitos civis dos negros norte-americanos, na década de 1960.

O panorama sócio-histórico-político no mundo atual, aponta a urgência deste trabalho, uma vez que baseado em evidências factíveis, indica a relevância das relações fraternas no fortalecimento de movimentos sociais e produção de conquistas significativas nas lutas por direitos e no protagonismo das mulheres quando unidas, nas transformações sociais, apontando ganhos peculiares, precursores aos feminismos negros, e aos feminismos de modo geral. Além disto, vem a oferecer importantes contribuições ao campo da psicologia ao propor, no campo ético, a possibilidade da alteridade, da preservação do espaço da coexistência que possibilita trocas significativas, como afirmado por Oliveira (2017).

Frente a esta complexidade do tema, que envolve aspectos multifatoriais, para desenvolver este estudo, realizou-se uma breve pesquisa bibliográfica, através da qual buscou-se fazer um sucinto levantamento de publicações acerca do tema pesquisado, afim de desenvolver o conhecimento, analisá-lo criticamente e contribuir com a realização da pesquisa (Bocato, 2006). Utilizou-se como fonte de pesquisa sites e plataformas científicas na Internet, como Scielo, Google Acadêmico, Plataforma de teses e dissertações, livros impressos, artigos científicos, e-books e biografias. Como termos de busca, fez-se uso de descritores como,

“Amizade”; “Amizade entre mulheres”; “Fraternidade”; “Feminismos”; “Nina Simone”, “Lorraine Hansberry”, “Direitos Civis dos negros norte-americanos”.

A escolha dos textos se deu a partir da afinidade à temática, excluindo-se textos que não se relacionassem com o tema. A abordagem escolhida para a análise dos dados coletados foi a qualitativa, pois tratando-se de um tema como a amizade, fraternidade, feminismos e lutas sociais, que envolvem singularidades e coletividades humanas, possibilitou, como afirmado por Gadamer (1999), facilitar a compreensão do fenômeno ao exercer a capacidade de colocar-se no lugar dos atores e/ ou dos fenômenos humanos analisados, levando em conta suas singularidades, mas também as vivências no âmbito da história coletiva, contextualizada e pertinente à cultura e ao grupo em que se insere, ou em que ocorre o fenômeno estudado, neste caso, a fraternidade, a amizade entre mulheres.

Assim sendo, o presente trabalho versará em suas próximas linhas sobre abordagens da psicologia sobre a amizade, aspectos da esfera coletiva, bem como o papel democrático e social da fraternidade no fortalecimento de movimentos sociais na luta pela igualdade, abordando o tema de forma crítica a partir de autoras como Alcineide Nascimento, Sueli Costa, Vilma Piedade, Audre Lorde, Chimananda Adichie e Fernanda Macedo, dentre outras. Segue-se com a análise do progresso da amizade à fraternidade, ao debruçar-se sobre as trilhas fraternas da cantora e pianista Nina Simone e da Teatróloga Lorraine Hansberry, e dos seus impactos sobre movimentos transformadores da sociedade em relação ao povo negro nos Estados Unidos.

2 Breves nuances da Psicologia sobre a amizade e o aspecto psicossocial

Sob o aspecto subjetivo, estudos da Psicologia, ciência que estuda a mente e o comportamento, observa-se que a amizade tem concepções diferenciadas em sua constituição. Na perspectiva da Psicanálise Freudiana, considera-se que na criança, a amizade “nasce como contraponto ao amor não correspondido, que é experimentado muito cedo, paralelamente à emergência da vida fantasmática e da ambivalência dos sentimentos” (Brun, 2007, p. 312). Assim sendo, é um recurso que apresenta correlações como suprimimento para as frustrações afetivas de cunho sexual da infância em relação às figuras parentais.

Ana Lila Lejarraga (2010) faz um paralelo entre as concepções afetivas relativas à amizade, dos teóricos psicanalistas Sigmund Freud e Donald Woods Winnicott. Conforme esta autora, embora Freud não tenha abordado a amizade na vida adulta, em sua obra *Psicologia do amor*, o pai da Psicanálise traz a “ternura” como a “corrente” mais antiga, relacionada aos cuidados parentais, esboçando - a nos escritos denominados *Três ensaios*, em que, como

afirmado por Danièle Brun (2007), o sentimento de “ternura” era um derivado do recalque da sexualidade.

No escrito *Psicologia do grupo*, em uma análise detalhada sobre a “ternura”, Freud define-a como pulsão sexual inibida quanto ao alvo. Esta mesma autora acrescenta que o laço íntimo da amizade se expressa nas relações pregressas entre filhas e mães, antes da autoridade da mãe ser sentida, sendo provavelmente reeditada ao longo da adolescência, ao escolherem amizades que se contrapõem aos pais: “Serva ou discípula, esse é, [...] o papel desempenhado pelas amigas cuja influência é considerada nefasta pelos pais. Essas amizades, [...] são menos diretivas [...], pois encarnam a imagem desvalorizada com que a parceira acredita dever ou poder identificar-se” (Brun, 2007, p. 137).

Sendo assim, Ana Lila Lejarraga (2010) aponta que a teoria freudiana retrata que, de modo consciente, ou inconsciente, a amizade/ “ternura” tem como fundamento a marca da mãe perdida nos anos iniciais da infância, sendo imprescindível da presença do outro que responda do meio externo, em todas as fases do desenvolvimento humano. Nesta interpretação, ela é marcada por uma ótica não positiva, uma vez que decorre da censura de um amor originalmente dirigido aos pais, tendo como consequência um prazer reduzido.

Para Winnicott, a amizade denota noções de intimidade, concernimento, reconhecimento da alteridade e espaço potencial. Segundo Ana Lila Lejarraga (2010), Winnicott abordava que, como a amizade não remetia a alguma inibição, mas em um afeto por direito próprio, seu prazer poderia ser tão intenso quanto os prazeres sexuais. Este psicanalista da infância propõe então a expressão “orgasmo do eu”, apontando para as experiências de satisfação máxima, não ligada às satisfações da esfera dos instintos.

No referido espaço potencial, o prazer não sexual pode ser intenso, como por exemplo, ao ouvir música, dançar ou algo semelhante: “Na pessoa normal uma experiência altamente satisfatória como essa pode ser conseguida em um concerto ou no teatro ou em uma amizade que pode merecer um termo tal como orgasmo do ego, que dirige atenção ao clímax e à importância do clímax” (Winnicott, 1958g/1990, p. 36 *apud* Lejarraga, 2010). Em suma, Winnicott concebe de forma diferenciada de Freud, o fenômeno da amizade como algo positivo e prazeroso, permitindo pensar “a capacidade para a amizade, associada com a capacidade de brincar, com a capacidade de estar só e compartilhar a intimidade” (Lejarraga, 2010, p. 100).

Carl Gustav Jung, discípulo de Freud, posteriormente dissidente do mestre, e criador da Psicologia Analítica, elabora o conceito de Arquétipos, sendo estes compreendidos como “disposições de formas ou ideias (...) que instintivamente pré-formam e influenciam o pensar, sentir e agir” dos seres humanos em todas as eras” (Jung, 1939/2007, §154, *apud* Souza, 2010,

p. 10). Os arquétipos tem limites, expressões plurais, são de natureza voluntária e proporcionam transformações sociais, segundo Hunt (1991, *apud* Souza, 2010). Carolina Luz de Souza (2010) relata em sua Dissertação de Mestrado, com temática sobre a amizade, que o arquétipo fraterno é um dos mais potentes e promotores de transformações. Esta autora aborda que ele é essencial para a estruturação das bases de um relacionamento adulto maduro, uma vez que, como imagem arquetípica, o irmão faz parte da psique humana, seja por laço de sangue, ou pela busca da experiência fraterna com os irmãos que se escolhe voluntariamente, os parceiros e os amigos.

Sob o aspecto psicossocial, abordando as relações de amizade como base para relacionamentos adultos maduros, sejam em pares ou em grupos sociais organizados, é relevante abordar a interação feminina neste contexto. No âmbito subjetivo, a amizade entre mulheres tem o potencial de fortalecimento do protagonismo, no qual parcerias são essenciais para a persistência diante dos obstáculos do machismo estrutural e desafios pessoais do universo feminino. A recente obra vencedora do prêmio *Jabutí* 2021 na categoria Literatura infanto juvenil, premiação literária de referência no Brasil, *Amigas que se encontraram na História*, da autora Angélica Kalil (2020) e ilustradora Mariamma Fonseca, exemplifica a amizade entre mulheres de destaque, na sua maioria desconhecida pelo público, anunciando a relevância da cumplicidade feminina, a importância do apoio mútuo entre as mulheres diante dos desafios que atravessam cotidianamente, frente ao seu protagonismo.

Algumas das amigas citadas na referida obra, são a artista plástica mexicana Frida Kahlo, conhecida internacionalmente e a cantora costa-riquenha Chavela Vargas; as brasileiras, cantora D. Ivone Lara e a psiquiatra Nise da Silveira, que atuaram no tratamento terapêutico ocupacional de pessoas com transtornos mentais através da arte, vanguardistas para seu tempo; Emma Watson, atriz franco-britânica, Embaixadora da Boa Vontade da ONU Mulheres, e militante pela liberdade e igualdade entre os gêneros, e Malala Yousafzai, ativista paquistanesa em defesa dos direitos humanos das mulheres e do acesso à educação no nordeste do Paquistão, são exemplo de histórias relatadas, direcionadas ao público infanto-juvenil. O livro supracitado valoriza a amizade entre mulheres, visibilizando no total a relação fraterna de vinte mulheres, ao demonstrar que a amizade feminina pode ser um canal de fortalecimento de subjetividades. Tal obra exemplifica o quanto por traz de uma grande mulher, pode haver outra grande mulher que marcou sua história pessoal e coletiva, em diferentes épocas.

3. Da esfera coletiva, violências, mundo do trabalho e o fortalecimento de grupos e movimentos

Na esfera coletiva, observa-se também a relevância dos relacionamentos fraternos femininos, justificando-se a partir de dados relevantes de pesquisa. Segundo a ONU (2019), a população mundial feminina alcançou a taxa de 3,82 milhões de mulheres em 2019. Em 2022, o Relatório da ONU (2022) apontou que 50% da população mundial é composta por mulheres e meninas e em 2023, correspondeu a 4,01 bilhões, semelhante à população masculina. Com o aumento da fertilidade, avanços relativos aos aspectos reprodutivos da mulher e o aumento da longevidade, estes quantitativos populacionais tendem a aumentar.

Outro aspecto de destaque é que o aumento da população feminina, controversamente, acompanha o crescimento das violências deste gênero. Dados estatísticos da OPAS/ OMS (2021) apontaram que uma, em cada três mulheres no mundo, sofre violência, sendo considerada uma característica endêmica em todos os países. 736 milhões de mulheres foram submetidas à violência física ou sexual ao longo da vida, iniciadas entre os 15-24 anos de idade, o que se agravou durante a pandemia do COVID-19. A ONU Mulheres - Brasil (2024) apontou que quase uma em cada três mulheres sofre violência ao longo da vida. Preocupa-se pelo fato de que este número continuou praticamente inalterado na última década.

No mundo do trabalho, não é diferente. Apesar dos debates sobre as diferenças de gênero, não há mudanças significativas desde o início do século, aponta a Organização Mundial do Trabalho (OIT) (ONU, 2020). Mundialmente, muito menos mulheres do que homens ocupam cargos de administração, sendo apenas 27% dos trabalhadores administrativos, dizem os dados da OIT (ONU, 2020). Figueredo e Cavazotti (2023), OIT (2024) e ILO (2024) convergem sobre o fato de que, ainda hoje, as mulheres tem menor participação em cargos de autoridade em relação aos homens. Em se tratando de mulheres negras, agrava-se ainda mais.

Nesta perspectiva, Sueli Carneiro (2011) ressalta em especial a necessidade de enegrecer os movimentos feministas, destacando a interseccionalidade – fatores de gênero, raça e classe - envolvida nas vulnerabilidades da mulher negra, o que diferencia totalmente o contexto em relação às mulheres brancas. Esta autora reporta que é preciso “instituir a crítica aos mecanismos de seleção no mercado de trabalho como a ‘boa aparência’, que mantém as desigualdades e os privilégios entre as mulheres brancas e negras” (Carneiro, 2003, p. 51). Sugere-se que, tanto os dados estatísticos mencionados, como as vulnerabilidades interseccionais da mulher negra, alertam para a importância da união de mulheres, seja na ocupação de espaços de poder, ou nos movimentos sociais feministas para fortalecimento da luta contra as violências, bem como pela igualdade de direitos.

4. O papel democrático e social da fraternidade - mulheres na luta por igualdade *versus* rivalidade cultural

Fernandes *et al.* (2017) retratam que ao direcionar a amizade a um sujeito específico, no aspecto da coletividade, tem-se a Fraternidade. Esta é definida pelos autores citados como princípio humanitário, englobando fatores jurídicos e políticos, relacionada ao bem-estar das pessoas e ao exercício da cidadania. Ao promover a horizontalidade nas relações, a alteridade e a não discriminação são impulsionadas, norteadando-se e viabilizando-se condições que facilitam a mutualidade de compromisso:

consolidando a igualdade e a liberdade a partir da responsabilidade entre as pessoas e a formação de suas próprias identidades. *A igualdade e a liberdade tornam-se vazias sem a orientação da Fraternidade*, que é uma condição humana, capaz de fomentar a comunhão universal e fortalecer o vínculo antropológico comum (Fernandes *et al.*, 2017, p. 163, grifos nossos).

Deste modo, pode-se dizer que a Fraternidade gera soluções que contribuem para a efetivação dos Direitos Fundamentais. No âmbito da luta por direitos, a amizade especialmente entre mulheres, é cultivada com maior expressão da afetividade, fortalecendo ainda mais os vínculos entre as partícipes, marcando histórias de vida pessoais e a coletividade.

Em décadas de 1930, a amizade de lideranças feministas potencializou a luta pelo direito ao voto feminino, no Estado de Pernambuco. Neste cenário, conforme Alcileide Nascimento (2013), emerge a Federação Pernambucana para o Progresso Feminino (FPPF), dando visibilidade significativa à causa feminina. Esta autora conclui que as feministas “Enlaçaram as práticas da liberdade e da amizade. Pegaram o moderno bonde e fizeram os percursos do desejo. Ousaram” (Nascimento, 2013, p. 55).

O movimento Feminista emerge oficialmente na década de 1980, sendo que especificamente, segundo Reis e Nunes (2020), os feminismos negros, surgem por razões diferenciadas dos feminismos brancos, pois estes não abarcavam as demandas específicas das mulheres pretas, engendradas na interseccionalidade por fatores de raça, cor, classe, dentre outros. Ao longo do tempo, os Feminismos geraram e divulgaram um termo que expressa o sentido e identidade do movimento: a Sororidade.

Segundo Sueli Costa (2004), Sororidade exprime a ideia de irmandade, de força de unificação das mulheres, que se aceitam como iguais biologicamente, unem-se em suas potencialidades na luta comum contra a desigualdade em relação ao gênero masculino, bem como contra as violências, lutas estas em comum. Sob um viés crítico, esta autora ressalta que este conceito é afirmado no poder social das mulheres, nítido nos "maternalismos", nos lugares

das lutas feministas por direitos sociais, sendo que, nos anos 80 - século XX – na noção de "sororidade", conformam-se a homogeneização e a ocultação das diferenças e desigualdades entre as mulheres. Em seu artigo, *Onda, rizoma e “sororidade” como metáforas: representações de mulheres e dos feminismos (Paris, Rio de Janeiro: anos 70/80 do século XX)*, Sueli Costa (2009) expressa ainda sobre sororidade:

Sugere muito das práticas e das sociabilidades femininas sem nada enunciar das dissensões entre mulheres, tão frequentes, *ocultando seu antônimo: a pluralidade de relações de poder e dominações também presentes nas formas de convivência de mulheres com mulheres* (Costa, 2009, p. 14, grifos nossos).

Somado a este olhar crítico sobre a “sororidade”, está a evidência de sua incompletude, de sua insuficiência para tratar das questões da pretitude. Vilma Piedade (2018) atenta que a raça e o gênero podem ser compreendidos de modo mais assertivo, no que tange às mulheres negras, a partir de um conceito de sua feitura – a Dororidade. Dororidade vem de dor – a dor silenciada pelos corpos e mentes das mulheres negras – feridas, escamoteadas, traumatizadas, invisibilizadas, objetificadas e ignoradas em seus sentimentos, desejos e sonhos. Dor que somente quem tem a cor da pele, sabe do que se está falando, no dia a dia de enfrentamento ao racismo, sexismo e questões de classe.

O feminismo negro, unido ao conceito de Dororidade, ganha uma nova compreensão e contornos fortalecedores das resistências e combates às opressões que diversas mulheres negras vivenciam e guardam no seu íntimo. Lélia Gonzalez (2020), uma das pioneiras em pensar de modo crítico a subalternidade da mulher negra no Brasil junto ao movimento negro, faz menção ao sofrimento e à solidão que elas enfrentam e à importância do engajamento nos movimentos de luta, para contribuir inclusive com a quebra de estereótipos objetificados. Sugere-se, portanto que, por esta via dolorosa, mulheres negras se unem para lutar, muitas vezes aturridas pela crescente solidão afetiva, o que favorece a formação e o fortalecimento de vínculos fraternos, que aliviam o sofrimento psíquico e favorecem seu existir no mundo.

Compreendendo o olhar cuidadoso e uma postura por vezes utópica que a Sororidade pode denotar na esfera das relações de poder, soma-se também um sentido real e promissor, enquanto sentimento de união a partir da solidariedade mútua e do compromisso empático entre mulheres que sugere-se justificar, segundo os escritos de Chimamanda Adichie (2014) escritora nigeriana, e Audre Lorde (2018), poetisa norte-americana, escritora e ativista dos direitos civis e homossexuais, ambas feministas, no enfrentamento à competitividade e a rivalidade cultivada entre as mulheres, observando que a mesma é atravessada interseccionalmente por elementos de ordem racial, religiosa, geracional, de classe, no contexto do patriarcado, convergindo com Maciel (2019), que reafirma que a ideia de Sororidade trata da solidariedade feminista no

combate à rivalidade e à competição pregadas pelo machismo e pelo patriarcado, inferindo a ideia de que juntas as mulheres são mais fortes.

Esta relação hostil entre mulheres ocorre culturalmente, constituindo um desafio rompê-la, uma vez que, como afirma Fernanda B. F. de Macedo (2016), a competição feminina é antiga, seja por quem vai liderar ou terá mais autoridade em um grupo, pela aparência, por quem conquistará o homem mais cobiçado, ou pela ostentação. Ao contrário, as amizades masculinas, de caráter “corporativista”, unem os homens incondicionalmente para a manutenção do *status quo*, seja nos espaços de trabalho, ou de poder formal ou informal.

Sendo assim, diante da luta pela igualdade, a dimensão da prática política democrática na perspectiva de gênero, ainda que apresente limites interseccionais diversos, aponta para o fato de que mulheres integram, implícita, ou explicitamente, parte do conceito de democracia e de ser cidadão, como afirmado por Pamela Paxton (2008). Em consonância, Clara Araújo (2012) afirma que, “do ponto de vista da cidadania, continua necessário observar como e compreender o porquê de a questão do gênero permanecer importante e interferindo desfavoravelmente na vida das mulheres” (Araújo, 2012, p. 164-165). Ressalta-se que, o vínculo fraterno entre mulheres - coletivo, ou entre pares – no espírito sororal, pode fortalecer sua presença em espaços de poder, bem como ampliar o exercício da sua cidadania, na participação democrática, mantendo uma postura crítica feminista, seja no âmbito da justiça, dos direitos ou do espaço político.

5. Da amizade à fraternidade, ou vice-versa? Mulheres vanguardistas em meio à luta pelos direitos civis dos negros norte-americanos - Nina Simone e Lorraine Hansberry

Linda Rubim (2011) em seu texto *Mulheres: o transe como devir*, reporta que Glauber Rocha, conhecido diretor baiano, autor do filme “Terra em Transe”, apresenta a ideia de que “poesia e política são demais para um homem só” (Rocha, 1981, p. 93 *apud* Rubim, 2011, p. 328). Contrariando esta afirmativa, ao contemplar o universo feminista, observa-se que as mulheres coadunam diferentes fazeres e saberes, aliadas a propósitos comuns, onde a arte e a política, no âmbito da luta pelos direitos, sejam em causas femininas, ou de maior amplitude.

Esta cumplicidade entre mulheres colabora para o enfraquecimento do estigma social que dita o que se espera socialmente de uma mulher. Como exemplo de amizade, aliada a um ideal fraterno compartilhado frente à luta por direitos, em especial, os direitos civis dos negros norte-americanos, pode-se citar a amizade entre a cantora Nina Simone e a dramaturga Lorraine Hansberry, mulheres negras militantes. Para melhor compreensão contextualiza-se aqui

brevemente a trajetória destas duas artistas, vanguardistas e precursoras do feminismo negro norte-americano.

Nina Simone, nascida Eunice Kathleen Waymon, foi uma pianista, cantora e compositora, nascida em 1933, na cidade Tryon, Carolina do Norte, EUA, que experimentou vivências de racismo em diferentes fases de sua vida, sendo que na infância, Nina não pode ter os seus pais assentados na fila da frente em uma de suas apresentações com o piano, realizada na igreja. A mesma reagiu de forma enfática, negando-se a tocar, até que seus pais fossem convidados a sentarem-se na frente. Na adolescência, a jovem aspirante a pianista clássica teve seu ingresso no *Instituto Curtis* de música negado, por motivos raciais (Reis; Nunes, 2020). No documentário *Whats Happened Miss Simone?* (Garbus, 2015), há relatos da cantora que expressam conflitos referentes à corporeidade, em que o corpo feminino negro é privado de oportunidades, gerando conflitos, frustração e sofrimento, negando sua subjetividade (Butler, 2007, *apud* Reis; Nunes, 2020). Nina Simone relata que, além de ser uma menina, correspondia a tudo que os brancos desprezavam em uma “menina de cor”.

Na década de 1960, Nina Simone realiza uma apresentação no *Carnegie Hall* e, após este evento, seu sucesso repercute no meio cultural, onde teve a oportunidade de conhecer pessoas do meio intelectual e artístico, engajadas no Movimento dos Direitos Civis a favor do povo negro norte-americano, como Martin Luther King e dentre outros artistas, a dramaturga Lorraine Hansberry (Cesar, 2018).

Lorraine Hansberry, dramaturga norte-americana, nasceu em 1930, na cidade de Chicago, EUA. Na infância, aos oito anos, vivenciou episódios de racismo contra sua família, ao mudar-se com a família inteira para uma área exclusiva para brancos em Chicago. Seu pai ganhou um caso histórico contra os moradores furiosos na Suprema Corte. Na adolescência/juventude, em 1950, com 19-20 anos, mudou-se para Nova York para estudar na *New School* e um ano depois, estava escrevendo para o jornal negro, *Freedom*. Em 1959, Hansberry transformou as lutas de sua família no bairro branco de Chicago em *A Raisin in the Sun*, a primeira peça escrita por uma mulher negra a chegar à Broadway, pela qual, aos 29 anos, foi considerada a melhor do ano pelo *New York Drama Critics 'Circle* (National Theatre, 2021). Na década de 1960, envolve-se mais intensamente com o ativismo sobre a população negra nos Estados Unidos, e figura como uma líder cultural de sua geração.

Neste ambiente fraterno e efervescente pela militância, a relação entre Nina Simone e Lorraine Hansberry atingiu a dimensão de amizade, sendo Lorraine escolhida como madrinha da única filha de Nina Simone, Lisa Simone. A fraternidade, seja pela causa do movimento dos direitos civis, ou por suas atitudes vanguardistas e situadas enquanto mulheres negras,

fortaleceu os vínculos entre ambas, em diálogos produtivos culturalmente, como esclarece Chardine Taylor-Stone (2019):

Essa “conversa de garotas” aconteceu com sua amiga e dramaturga Lorraine Hansberry – *uma conversa entre duas mulheres negras que, como diz Simone, não era sobre homens ou roupas, mas sobre o trabalho criativo que estavam produzindo e como viam seu papel na libertação de sua comunidade* (Taylor-Stone, 2019, n.p., grifos nossos).

Esta mesma autora relata que após a morte precoce de Hansberry, em 1965, por câncer pancreático, aos 34 anos, Nina Simone e Weldon Irvine, em 1969, compõem em sua memória a canção *To be Young, Gifted and Black*, inspirada em uma peça inacabada da dramaturga. A música se torna um hino do movimento pelos direitos civis e dos negros nos Estados Unidos, fortalecedor da autoestima de todo jovem, talentoso e negro.

A amizade com Lorraine Hansberry trouxe reflexos significativos tanto aos aspectos subjetivos, como aos coletivos da vida de Nina Simone, em concordância às afirmações de Souza e Hutz (2012). Houve uma ampliação de saberes através do contato com ideias políticas progressistas e de esquerda, sendo que a obra de Bertolt Brecht como referência obrigatória, vem da amizade com a dramaturga (Taylor-Stone, 2021). Nina Simone também compõe “Quatro Mulheres” - chamada de hino feminista – que descreve uma classe que está sendo submetida a papéis e estereótipos de gênero nos quais as mulheres negras se viram presas: a “mamãe”; a “trágica mulata”; a trabalhadora do sexo; a mulher negra com raiva (Taylor-Stone, 2021).

Convergência possibilitada pela amizade das duas artistas, a consciência crítica do papel social do artista e sua arte, é evidenciada por Nina Simone ao dizer: “os artistas que não se envolvem com o povo devem ser mais felizes. Mas eu tenho que viver com a Nina. E isto é muito difícil” (Garbus, 2015, *apud* Reis; Nunes 2020). O engajamento, ativismo e empoderamento feminino desta cantora norte-americana é marca da sua carreira com um trabalho criativo e militante em prol da igualdade para sua comunidade. A partir deste envolvimento com a militância, sugere-se haver o fortalecimento da autoestima da cantora e influências em outras áreas de sua vida pessoal, a exemplo do divórcio, após anos como vítima de violência doméstica.

6. Considerações Finais

O estudo realizado apontou que a amizade/ fraternidade é uma forma de interação interpessoal considerada cientificamente relevante para o bem estar, tanto subjetivo como coletivo, seja como fonte de afetividade, ou de suporte social para quem a vivencia.

No âmbito psíquico, estudos sobre psicanalistas de referência, como Freud, Winnicott e Jung, apresentam divergências quanto à positividade ou negatividade do vínculo fraterno, mas se afinam ao reportar o papel constitutivo da identidade e da socialização, bem como a importância deste para o desenvolvimento humano. Em especial, a amizade entre mulheres encontra-se como potente recurso salutar para a mente e o comportamento feminino.

Dados mundiais (ONU/ OMS/ OIT/ OPAS), no âmbito das violências contra a mulher e do universo do trabalho, apontaram que a fraternidade entre mulheres é um potente recurso para o fortalecimento da luta coletiva pela redução das desigualdades, bem como pelo combate às violências contra a mulher. Dentre estas formas de luta, há os movimentos sociais, entre os quais, os feminismos, em suas diferentes formas de expressão, complexos conforme a época e as demandas das diferentes mulheres que habitam o planeta, cujas desigualdades evidenciam a interseccionalidade entre marcadores de raça, gênero, classe, dentre outros.

Frente ao contexto de influência do patriarcado e seus ditames machistas e racistas, foi possível refletir sobre a relevância da Sororidade, para que se fortaleçam as subjetividades e coletividades das mulheres na resistência e lutas pela igualdade de direitos, consensuando com os estudos de Maciel (2019), que indicaram que a ideia de Sororidade trata da solidariedade feminista no combate à rivalidade e à competição pregadas pelo machismo e pelo patriarcado, inferindo a ideia de que juntas as mulheres são mais fortes. Revelou-se, porém, ser importante não perder o espírito crítico, sobre os riscos de ignorar as desigualdades e conflitos reais entre mulheres, encobrendo-os por um ideal de Sororidade, uma vez que estão culturalmente impressos nas relações competitivas entre meninas e mulheres.

Ao ilustrar a relação de amizade e fraternidade através da experiência das artistas Nina Simone e Lorraine Hasberry, observou-se de modo prático o incentivo à reflexão sobre a realidade social de um país, ao entrar-se em contato com sua cultura, sua época, onde a arte é descoberta como canal de críticas ao racismo, ao sexismo e à violência, adentrando os movimentos sociais dos direitos civis dos negros norte-americanos na década de 1960. A consciência social é associada à música de Nina Simone a partir desta relação de amizade/ fraternidade, possibilitando ressignificar sua arte e seu sentido de vida, contribuindo para profundas mudanças culturais em seu país, bem como para a libertação do seu povo, diante do segregacionismo.

Em suma, a pesquisa bibliográfica realizada sugere ser inquestionável o poder transformador, fortalecedor da amizade/ fraternidade entre mulheres para a conquistas de direitos e de igualdade e o desenvolvimento de potenciais subjetivos e coletivos. A história do relacionamento fraterno das artistas Nina Simone e Lorraine Hansberry, demonstra a possibilidade da alteridade, da cumplicidade possibilita trocas significativas e serve de inspiração para a continuidade do espírito sororal, como reação e negação do estereótipo de rivalidade e competitividade apresentado por Audre Lorde (2018) e Chimamanda Adichie (2014), bem como aponta para a necessidade de desenvolvimento de novos estudos biográficos e científicos sobre o tema, no intuito da quebra de paradigmas socioculturais que enfraquecem as interações femininas em prol da igualdade de direitos. Espera-se que assim contribua para romper com a ideia de que a amizade entre mulheres é fútil, demonstrando que a potência destas relações é capaz de promover frutos que se projetam em espaços de luta coletivos e que prosseguem em seus reflexos positivos ao longo do tempo, diante dos desafios e opressões de um mundo desigual.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos Todos Feministas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. 64 p. Tradução Christina Baum.
- AGUIAR, Thais Florencio de. O que a amizade (philia) nos diz sobre os fundamentos da democracia? Pressupostos de uma “demofilia”. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política [online]*. n. 107. 2019. pp. 91-125. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-091125/107> Acesso em: 1 dez. 2021.
- ARAÚJO, Clara M. de O. Cidadania democrática e inserção política das mulheres. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº 9. Brasília, setembro - dezembro de 2012, pp. 147-168. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/zYnTjQt7LXDkLXNsqNtKNJQ/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 10 mai. 2022.
- BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. *Rev. Odontol. Univ. São Paulo*, São Paulo, SP, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.
- BRUN, Danièle. A gramática amorosa da amizade. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica [online]*., v. 10, n. 2, 2007. pp. 311-319. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982007000200011> Acesso em: 12 set. 2021.
- CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: CARNEIRO, Sueli. *Racismos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Takano. 2003. Cap. 7. p. 49-58.

CESAR, Rafael do Nascimento. Uma Fragata Negra: tradução e vingança em Nina Simone. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 39-70, abril de 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132018000100039&lng=en&nrm=iso Acesso em: 18 ago. 2019.

COSTA, Suely Gomes. Movimentos feministas, feminismos. *Revista Estudos Feministas [online]*. v. 12, n. spe, pp. 23-36. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2004000300003> Acesso em: 1 dez. 2021.

COSTA, Suely Gomes. Onda, rizoma e “sororidade” como metáforas: representações de mulheres e dos feminismos (Paris, Rio de Janeiro: anos 70/80 do século XX). *Revista Interdisciplinar INTERthesis*, Florianópolis, v.6, n.2, p. 01-29, jul/dez 2009. Disponível em: Acesso em: 10 mai. 2022.

FERNANDES, Sérgio Ricardo Aquino; PELLENZ, Mayara; e BASTIANI, Ana Cristina Bacega de. Fraternidade como Alternativa à Seletividade do Direito Penal. *Sequência (Florianópolis) [online]*. n. 76 2017. pp. 155-182. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2177-7055.2017v38n76p155>. Acesso em: 1 dez. 2021.

FIGUEREDO, Patrícia. M.; CAVAZOTTE, Flávia. Mulheres e carreiras gerenciais: a construção da identidade de líder em um ambiente corporativo masculino. *Cadernos EBAPÉ.BR*, v. 21, n. 4, p. e2022-0152, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/sKc7vGPGgRJDnCyLYn7bScd/> Acesso em: 10 jan. 2025.

GADAMER, Hans - Georg. *Verdade e método*. Tradução de Flávio Paulo Meurer. 3ª edição. Petrópolis: Vozes; 1999.

GONZALEZ, Lélia. 2020. *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos*. Rio Janeiro: Zahar. 375 pp.

INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION (ILO). *Women in business: How employer and business membership organizations drive gender equality*. The International Labour Organization (ILO) and the International Organisation of Employers (IOE). 2024. 54p. Disponível em: https://www.ilo.org/sites/default/files/wcmsp5/groups/public/@ed_dialogue/@act_emp/documents/publication/wcms_915748.pdf Acesso em: 10 Jan. 2025.

KALIL, Angélica. *Amigas que se encontraram na História*. Quintal Edições, Belo Horizonte. 2020. 182 p.

LEJARRAGA, Ana Lila. A noção de amizade em Freud e Winnicott. *Nat. hum.*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 1-20, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302010000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 05 dez. 2021.

LORDE, Audre. *Olho no olho: mulheres negras, ódio e raiva*. Tradução de Stephanie Borges. Serrote, São Paulo, n. 29, p. 48-83, 2018.

MACEDO, Fernanda Beatriz Ferreira de. *Feminismo além das mídias sociais: um estudo exploratório sobre sororidade e feminismo entre professoras dos anos iniciais do ensino*

fundamental. (Trabalho de Conclusão de Curso) Universidade Federal de Santa Catarina. Instituto de Estudos de Gênero do Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Especialização em Gênero e Diversidade na Escola. Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/173788/TCC%20Fernanda%20Finalizado%20com%20revis%C3%A3o.pdf?sequence=1&isAllowed=y> acesso em: 10 mai. 2022.

MACIEL, Luana Bernardes. *A representação da mulher por meio da sororidade e rivalidade construídas na produção seriada Big Little Lies*. (Monografia). Faculdade de Jornalismo. Universidade Federal de Ouro Preto. Mariana. 2019. 52 p. Disponível em: https://www.monografias.ufop.br/bitstream/35400000/2067/6/MONOGRAFIA_Representa%C3%A7%C3%A3oMulherMeio.pdf Acesso em: 1 dez. 2021.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico resumido*. Coleção Dicionários especializados. Instituto Nacional do Livro. Ministério da Educação e Cultura. 1966. Disponível em: <https://ia801200.us.archive.org/6/items/DICIONARIOETIMOLOGICORESUMIDODALINGUA%20PORTUGUESAANTENORNASCENTES/DICION%C3%81RIO%20ETIMOL%C3%93GICO%20RESUMIDO%20DA%20LINGUA%20PORTUGUESA%20%20ANTENOR%20NASCENTES.pdf> Acesso em: 10 fev. 2021.

NASCIMENTO, Alcileide Cabral do. O bonde do desejo: o movimento feminista no Recife e o debate em torno do sexismo (1927-1931). *Revista Estudos Feministas [online]*. v. 21, n. 1. 2013. pp. 41-57. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100003> Acesso: 12 nov. 2021.

NATIONAL THEATRE. *Jovem, Superdotada e Negra: quem foi Lorraine Hansberry?* Disponível em: <https://www.nationaltheatre.org.uk/blog/young-gifted-and-black-who-was-lorraine-hansberry> Acesso em 1 dez. 2021.

OLIVEIRA, Ana Paula Vedovato Marques de. *Amizade e psicanálise – o cuidado de si no encontro com a alteridade*. (Dissertação). Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica. Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo. 2017. 103 p. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-13112017-111930/publico/oliveira_me.pdf Acesso em: 15 dez. 2024.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Perspectivas da população mundial - 2019*. Departamento de assuntos econômicos e sociais. Dinâmica populacional. 2019. Disponível em: <https://population.un.org/wpp/Graphs/> Acesso em: 12 set. 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Relatório da ONU pede mudança radical para tornar cidades mais seguras para mulheres*. ONU News. Mulheres. Publicado em 25 de outubro de 2022. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2022/10/1804287> Acesso em: 10 jan. 2025.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. MULHERES BRASIL (ONU MULHERES BRASIL). *#NãoTemDesculpa: UNA-SE pelo fim da violência contra mulheres e meninas*. Publicado em 17/ 10/ 2024. Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br/noticias/naotemdesculpa-una-se-2024/> Acesso em: 10. jan. 2025.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). *Organizações de empregadores e empresariais alcançam progressos na igualdade de gênero, mas persistem os tetos de vidro*. Mulheres nos Negócios. Publicado em 05/ 03/2024. Disponível em: <https://www.ilo.org/pt-pt/resource/news/organiza%C3%A7%C3%B5es-de-empregadores-e-empresariais-alcan%C3%A7am-progressos-na> Acesso em: 10 Jan. 2025.

ORGANIZAÇÃO PAN- AMERICANA DE SAÚDE (OPAS). ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). *Devastadoramente generalizada: 1 em cada 3 mulheres em todo o mundo sofre violência*. Publicado em 09 de março de 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/9-3-2021-devastadoramente-generalizada-1-em-cada-3-mulheres-em-todo-mundo-sofre-violencia> Acesso em: 12 set. 2021.

PAXTON, Pamela M. Gendering democracy In: GOERTZ, Gary; MAZUR, Amy (eds.). *Politics, gender and concept: theory and methodology*. Cambridge: Cambridge University Press. 2008.

PIEDADE, Vilma. *Dororidade*. 1. ed. São Paulo: Nós, 2018.

REIS, M. M. de A.; NUNES, S. A. N. Interseccionalidade, Feminismos e sofrimento psíquico – uma leitura sobre Nina Simone. p. 393-422. In: La Regina, Anne Greice Soares. *Etnicidades, sociedade e novos direitos: uma discussão transdisciplinar*. Organização de Anne Greice Soares La Regina... [et al.]. Rio de Janeiro. Multifoco, 2020. 452 p.

RUBIM, Linda. Mulheres: o transe como devir. 319-340 p. In: BONNETI, Alinne; SOUZA, Ângela Maria Freire de Lima e. (ORGS.). *Gênero, mulheres e feminismos*. (Coleção Bahianas; 14). Salvador : EDUFBA : NEIM, 2011. 346 p.

SOUZA, Luciana Karine. HUTZ, Cláudio Simon. (Orgs.). *Amizade em contexto: desenvolvimento e cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo. São Paulo. 2012.

SOUZA, Carolina Luz de Souza. *Um olhar junguiano sobre as relações de amizade masculinas na atualidade*. (Dissertação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestrado em Psicologia Clínica. São Paulo, 2010. 128 p.

TAYLOR-STONE, Chardine. A política radical de Nina Simone. *Revista Jacobin Brasil (on line)*, Edição de 21/04/2021. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2021/04/a-politica-radical-de-nina-simone/> Acesso em: 1 dez. 2021.

Feminismos, fraternidad: "Efes"³ que se traducen en fuerza

Resumen

La amistad es una forma de relación interpersonal presente en las más diversas culturas y evidenciada en la historia de la humanidad. Algunos teóricos de la psicología clásica, como Freud y Jung, aunque no lo abordan directamente, señalan en este contexto cuestiones importantes para el desarrollo humano, la formación de la identidad y el proceso de socialización. Cuando se trata de personas femeninas, puede trascender su relevancia, involucrando el fortalecimiento de aspectos de identidad y de lucha por los derechos y la igualdad. Para desarrollar este artículo se realizó una breve investigación bibliográfica, con el objetivo de desarrollar un diálogo sobre la importancia de la

³ "Efe" es la sexta letra del alfabeto, la letra inicial de las palabras centrales del título del artículo.

amistad entre mujeres para el fortalecimiento de los ideales feministas y las subjetividades femeninas, frente a una cultura estructuralmente sexista. La investigación demostró, a través del ejemplo de amistades como la entre la cantante Nina Simone y la dramaturga Lorraine Hansberry, precursoras del feminismo negro y activistas por los derechos civiles de los estadounidenses negros en la década de 1960, que los vínculos fraternos pueden ser transformadores, liberadores y fortalecer la identidad racial y de género de quienes los disfrutaban. El movimiento feminista, que comenzó en la década de 1980, es un ejemplo de fraternidad que se traduce en fortaleza, al unir a las mujeres en torno a cuestiones que las emancipan y empoderan frente a los desafíos y la opresión de un mundo desigual.

Palabras claves: feminismos; Fraternidad; Amistad; Empoderamiento femenino; Subjetividad.

Féminismes, fraternité : des « Efe »⁴ qui se traduisent en force

Résumé

L'amitié est une forme de relation interpersonnelle présente dans les cultures les plus diverses et mise en évidence dans l'histoire de l'humanité. Certains théoriciens classiques de la psychologie, comme Freud et Jung, bien qu'ils ne l'abordent pas directement, soulignent dans ce contexte des questions importantes pour le développement humain, la formation de l'identité et le processus de socialisation. Lorsqu'il s'agit de femmes, cela peut transcender sa pertinence, en impliquant le renforcement des aspects de l'identité et la lutte pour les droits et l'égalité. Pour développer cet article, une brève recherche bibliographique a été réalisée, dans le but de développer un dialogue sur l'importance de l'amitié entre femmes pour renforcer les idéaux féministes et les subjectivités féminines, face à une culture structurellement sexiste. La recherche a montré, à travers l'exemple d'amitiés comme celle entre la chanteuse Nina Simone et la dramaturge Lorraine Hansberry, précurseurs du féminisme noir et militantes pour les droits civiques des Noirs américains dans les années 1960, que les liens fraternels peuvent être transformateurs, libérateurs et renforçant l'identité de genre et raciale de ceux qui en jouissent. Le mouvement féministe, né dans les années 1980, est un exemple de fraternité qui se traduit en force, en unissant les femmes autour de problématiques qui les émancipent et les autonomisent face aux défis et à l'oppression d'un monde inégal.

Mots-clés: Féminismes; Fraternité; Amitié; Autonomisation des femmes; Subjectivité.

Feminisms, fraternity: "Ephs"⁵ that translate into strength

Abstract

Friendship is a form of interpersonal relationship present in the most diverse cultures and evident throughout the history of humanity. Some classical psychology theorists, such as Freud and Jung, although they do not address it directly, point out important issues in this area for human development, identity formation and the socialization process. When dealing with women, it can transcend its relevance, involving aspects that strengthen identity and the fight for rights and equality. To develop this article, a brief bibliographical research was carried out, with the objective of developing a dialogue on the importance of friendship between women for strengthening feminist ideals and female subjectivities, in the face of a structurally sexist culture. The research showed, through the example of friendships such as those between singer Nina Simone and playwright Lorraine Hansberry, pioneers of black feminism and activists for the civil rights of black Americans in the 1960s, that fraternal bonds can be transformative, liberating and strengthening of the gender and racial identity of those who enjoy them. The feminist movement, which began in the 1980s, is an example of fraternity that translates into strength, by uniting women around issues that emancipate and empower them in the face of the challenges and oppression of an unequal world.

Keywords: Feminisms; Fraternity; Friendship; Female empowerment; Subjectivity.

⁴ « Efe » est la sixième lettre de l'alphabet, la première lettre des mots centraux du titre de l'article.

⁵ "Eph" is the sixth letter of the alphabet, the initial letter of the central words in the article title.